

O FUTURO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS A sociologia em questão

Brasílio Sallum Jr.

Uma exposição sobre o futuro das ciências sociais — mesmo que o autor a reduza, como pretendo fazer, só à sociologia — é de alto risco, o que vale, aliás, para qualquer previsão que se faça sobre o curso histórico.¹ Os processos de transformação tanto da disciplina quanto das bases sociais em que ela se apóia são demasiado complexos em relação à nossa capacidade de identificar as tendências que devem se impor no futuro. Isso se aplica mesmo àquelas tentativas de fazer o balanço da disciplina e de esboçar previsões sobre o seu desenvolvimento com base em pesquisa e reflexão sistemáticas como, por exemplo, a que resultou no brilhante trabalho de Alvin Gouldner, *A Crise Iminente da Sociologia Ocidental*, publicado há mais de três décadas, em 1970. Ainda que as previsões de Gouldner não tenham se mostrado muito acuradas, seu trabalho parece ser um bom ponto de partida para a tarefa que aqui nos impomos: apontar para alguns processos de transformação ocorridos na sociologia nos últimos decênios, embora sem a pretensão de fazer projeções específicas.

A publicação do livro de Gouldner se deu num momento em que o funcionalismo era ainda a corrente sociológica hegemônica no mundo ocidental, embora, de um lado, começasse a apresentar divisões internas que, segundo nosso autor, conduziam aquela corrente em direção ao marxismo e, de outro, já enfrentasse desafios de outros esquemas analíticos que focalizavam os processos interativos no plano micro, como a etnometodologia, a teoria das trocas, o interacionismo simbólico etc. Essas tensões entre praticantes acadêmicos da sociologia eram alimentadas pela expansão do estado de bem-estar social no pós-guerra e pela grande efervescência social dos anos 1960 — movimentos estudantis questionavam o poder acadêmico em vários países, havia luta por direitos civis e distúrbios raciais nos EUA, além de movimentos contra a guerra, as armas nucleares etc.

Diante desse quadro político-intelectual, *A Crise Iminente da Sociologia Ocidental* teve a ousadia de anunciar que a sociologia acadêmica estava na iminência de entrar em crise. Gouldner identificava, então, dois traços marcantes da corrente sociológica hegemônica que lhe pareciam sinais de ruptura. As novas gerações de sociólogos mostravam uma crescente inquietação tanto diante das dificuldades que o funcionalismo oferecia para lidar com a *mudança social* quanto em relação à sua *visão hipersocializada* dos agentes sociais, ambas derivadas da sua concepção de sociedade auto-regulada e equilibrada, ancorada na moralidade coletiva.

1 Uma primeira versão deste texto foi apresentada na mesa redonda sobre *O futuro das ciências sociais*, no XXVIII Encontro Anual da Anpocs, realizado em Caxambu, Minas Gerais, de 26 a 30 de outubro de 2004.

Seu prognóstico era de que haveria certa redução da importância do funcionalismo no interior da sociologia acadêmica e que o seu movimento em direção ao marxismo se manteria, embora calculasse que o processo se deteria bem antes de uma fusão com o marxismo. Gouldner conjecturava sobre a possível emergência de uma espécie de funcionalismo “keynesiano” tendente a atribuir um peso especial ao governo e ao processo político, ajustando-se ao contexto produzido pela expansão do estado de bem-estar. Ao mesmo tempo, previa que haveria um maior desenvolvimento de uma sociologia de tendência mais marxista e radical, sustentada pela geração de sociólogos mais jovens. Esses dois processos significariam uma mudança no perfil predominantemente conservador da sociologia acadêmica, especialmente a norte-americana. Ademais, Gouldner antecipava a persistência do interesse em relação à dramaturgia de Goffman, à etnometodologia de Garfinkel e, mesmo, à teoria das trocas de Homans e Blau, todas elas orientadas, embora de modos distintos, para a investigação a-histórica — como fazia questão de sublinhar — de pequenos grupos. Paralelamente, o papel cada vez mais proeminente do Estado tenderia a estimular um maior instrumentalismo nas investigações, com o desenvolvimento de “uma espécie de empirismo metodológico no qual são *subestimados* os conceitos e supostos substantivos especificamente referidos à conduta humana e às relações sociais, com uma ênfase correspondente em métodos de aparência neutra”, o que estaria facilitando o seu uso “em investigações focalizadas em problemas e variáveis de caráter administrativo sob o patrocínio das agências governamentais” (Gouldner, 1970: 445).

Lido mais de três décadas depois de sua publicação, o livro de Gouldner ainda é um extraordinário diagnóstico da dinâmica de curto prazo da sociologia feita em um momento em que, hoje já o sabemos, o estado de bem-estar chegava ao seu apogeu nos países capitalistas avançados. Entretanto, no decorrer da década de 1970, o livro foi perdendo muito de seu valor como prognóstico sobre a disciplina. E dificilmente isso poderia ser diferente, pois o que ele denominava “a infra-estrutura social” da sociologia mudou em direção muito diversa da que ele mesmo previu, alterando-se as bases sociais da disciplina de forma inesperada. Com efeito, ele escreveu *A Crise Iminente da Sociologia* sob o impacto da efervescência política de esquerda dos anos 1960 e na suposição de que o estado de bem-estar era uma forma de organização política em expansão no mundo ocidental. Ora, ainda que os movimentos de esquerda continuassem ativos nos primeiros anos da década seguinte, no correr dos anos 1970 os países avançados do Ocidente experimentariam não só a crise do petróleo, uma inflação elevada e a estagnação econômica, mas também um esvaziamento da crença nas virtudes do keynesianismo e, reciprocamente, uma expansão da ideologia e das políticas neoliberais que atribuíam as agruras do capitalismo ao estado de bem-estar.

Entre os prognósticos sobre o desenvolvimento da sociologia feitos por Gouldner, o menos acurado de todos foi o referente ao marxismo. Embora as correntes marxistas e a produção sociológica inspirada no marxismo ainda tenham se expandido até meados dos anos 1970, elas declinaram nos anos 1980 e entraram em colapso na década de 1990, recuando frente à avalanche neoliberal e a desagregação do mundo soviético. Do marxismo restou apenas uma influência visível na

teoria do sistema mundial, entre os herdeiros da Escola de Frankfurt e, de forma dispersa, em vários ramos da sociologia. O espaço que ele deixou não foi ocupado, porém, pelo positivismo funcionalista e seus desdobramentos. Também o funcionalismo, ao contrário do que Gouldner sugeriu em 1970, perdeu muito em importância. Isso não ocorreu, porém, em razão da projeção de outra macro-interpretação sociológica, similar ao marxismo, e sim da “revolução microscópica” (Smelser, 1999: 1-18), quer dizer, do desafio conjunto do behaviorismo social, do interacionismo simbólico, da etnometodologia, da hermenêutica e, em geral, da fenomenologia. Ainda que, como sublinha Smelser, tais perspectivas difiram, “elas têm como alvo comum o realismo sociológico, tratando papéis, estruturas sociais e cultura como produzidas por e reproduzidas em — ou derivadas de — um cadinho de micro-interações entre pessoas. Exceto pelo behaviorismo social, essas perspectivas também levantaram objeções epistemológicas a uma ciência sociológica baseada em fatos sociais objetivos” (*idem*: 4). Smelser enfatiza, com razão, a importância desse “assalto” ao objetivismo sociológico, já que ele provocou cisões que se espalharam pelos vários ramos e sub-ramos da sociologia, ocasionando disputas no interior de cada um. A tais cisões há que acrescentar aquelas derivadas da influência remanescente do marxismo, como nos estudos de gênero, nos estudos concernentes aos movimentos sociais etc.

Em suma, não se efetivaram os principais prognósticos de Alvin Gouldner, seja o que se referia à manutenção do funcionalismo como teoria relevante, mais inclinada para o marxismo, seja o que apontava para uma expansão da teoria marxista. De fato, ocorreu uma redução do interesse em relação às teorias sociológicas gerais. E, diferentemente do que ele previra, em lugar de manterem uma importância secundária, as alternativas teóricas concorrentes ao funcionalismo e ao marxismo se expandiram e se diversificaram, difundindo-se pelos vários ramos e sub-ramos da disciplina.

A perda de referências teóricas dominantes, como as existentes até os anos 1970, e a contínua emergência de novas áreas de especialização sociológica, surgidas ao sabor dos eventos, das mudanças de comportamento ou das tendências politicamente “problemáticas” — como violência, drogas, imigração, internet etc. — têm produzido uma percepção muito forte de *fragmentação, desordem, perda de identidade e crise da sociologia*. Desta forma, embora por vias muito diferentes das que imaginou, Alvin Gouldner acabou acertando, em 1970, quanto à iminência de uma crise na sociologia acadêmica. E, embora tenha sido um despropósito seu qualificar a crise como “permanente”, não há dúvida de que a crise da sociologia acabou sendo de longa duração.

Essa percepção de extrema fragmentação tem causado certa desorientação entre os profissionais da área, provocando como resposta o insulamento crescente dos especialistas, que desenvolvem esquemas teóricos próprios, sem referência aos demais, nos seus respectivos temas ou no estudo de problemas específicos. Os numerosos ensaios globais existentes sobre a época atual não oferecem alternativas reais aos marcos teóricos antes hegemônicos; em geral, eles fazem análises substantivas, focalizando o presente de ângulos ou sob aspectos particulares que consideram centrais para a caracterização da sociedade em que vivemos, tais como “o

risco”, “a racionalidade”, “a informação” etc. É claro que nem preciso mencionar a contribuição para a entropia reinante dada pelas teorias que põem em dúvida a superioridade das disciplinas com pretensões científicas, como a sociologia, em relação a outras formas de saber sobre a sociedade.

Entretanto, ultimamente tem sido possível identificar sinais de um movimento de recomposição da disciplina. O balanço que Charles Camic e Neil Gross (1998) fizeram dos “projetos” de teorização correntes na literatura sociológica desde meados da década de 1980 permite dizer que predominam na disciplina esforços para reduzir, de múltiplas formas, a fragmentação teórica vigente. De fato, entre as oito linhas de construção teórica identificadas por Camic e Gross, apenas três não seguem claramente uma orientação integradora: a que resulta em reflexões sobre a época atual; a que retoma o trabalho de teóricos do passado para reinterpretá-los ou para enfatizar aspectos negligenciados de suas obras, mostrando o caráter contingente das abordagens teóricas do presente e ampliando as alternativas teóricas disponíveis, e, por fim, a que abarca as elaborações teóricas que põem em questão o valor da sociologia como empreendimento intelectual.

Entre as linhas de investigação que almejam alguma forma de superação da “desordem” reinante na disciplina, distinguem-se:

- a dos sociólogos voltados para a *construção de ferramentas analíticas gerais* para serem usadas em investigações empíricas diversas (como a desenvolvida por Pierre Bourdieu (1989) por meio dos conceitos de *habitus* e *campo*);
- a dos que tentam construir uma *síntese das várias teorias existentes* (incluindo programas muito diversos, como os de Walter G. Runciman (1989), Jonathan Turner (1991), Jeffrey Alexander (1998), Anthony Giddens (1984) etc.);
- a dos sociólogos que lutam para superar a fragmentação da disciplina por meio do *desenvolvimento sistemático de determinada orientação teórica*, visando a difundi-la nas várias áreas da sociologia (incluem-se aqui os programas dos teóricos da escolha racional, do marxismo analítico, do interacionismo simbólico etc.);
- o programa de enriquecer a sociologia através da *promoção do diálogo entre perspectivas teóricas diversas* (como faz Levine (1991) ao examinar a conexão “dialética” entre as idéias de Parsons e Simmel),
- e o projeto de *identificar e preencher lacunas conceituais e/ou metodológicas* nas perspectivas teóricas disponíveis para, então, explorar as implicações disso na sua reconstrução e alargamento (inclui-se aqui, por exemplo, o conceito de *ação comunicativa*, que, introduzido por Jürgen Habermas (1984) para dar conta das circunstâncias em que as ações não são orientadas pelo cálculo do sucesso, lhe permitiu reconceituar a racionalidade, a organização do mundo social e até a evolução da sociedade).

Mais relevante que a maior proporção das linhas de investigação teórica que buscam enfrentar positivamente a tarefa de superar a visível fragmentação da sociologia é o fato de que entre os intelectuais envolvidos nisso estão, sem dúvida, aqueles que contam com o maior reconhecimento entre os praticantes da disciplina.

Embora tudo isso indique que a sociologia tende na direção de uma paulatina e, pelo menos, parcial integração, não há que ser demasiado otimista a respeito, pois, como lembram Camic e Gross (1998), não só as linhas de investigação teórica divergem, como há também muita heterogeneidade no seu interior.

De qualquer maneira, gostaria de finalizar esta apresentação sublinhando a relevância de um dos projetos que tentam rearticular a sociologia. Ele se inclui na linha de pesquisa já mencionada que trata de elaborar uma síntese de múltiplos enfoques teóricos presentes na disciplina. Trata-se da tentativa de *distinguir* com precisão e *articular* teorias que incidem sobre diversos níveis da ordem social: o nível *micro* — que se refere aos agentes individuais e aos processos interativos —, o *meso* — que diz respeito aos movimentos, associações, grupos, organizações formais (locais de trabalho, sindicatos, igrejas etc.) e instituições sociais — e o *macro-sociológico* — que concerne aos processos de diferenciação, estratificação e integração social nos âmbitos nacional e global (âmbito que inclui relações que ultrapassam ou atravessam o nível nacional de integração societária). Esse programa de investigação tem sido explorado, de ângulos distintos e com ênfases diversas, por sociólogos como Jonathan Turner (1987 e 1991), Randall Collins (1981 e 1987), Neil Smelser (1987 e 1997) e outros.

Creio que essa linha de trabalho é particularmente relevante porque, a um só tempo, sustenta a legitimidade dos múltiplos focos de análise sociológica (do *micro* ao *macro*), permite que o trabalho de integração seja feito de forma segmentada e multifacetada (dentro de cada nível analítico e explorando a relação entre uns e outros) e estimula a reflexão sobre dois tópicos que me parecem chaves para o desenvolvimento da sociologia como disciplina. Refiro-me, de um lado, à questão da relação entre estrutura social e formas concretas de sociabilidade e, de outro, ao problema da redefinição substantiva do âmbito de referência dos conceitos macro-sociológicos provocada pela aceleração dos processos de globalização ocorrida a partir dos anos 1980. A investigação do primeiro tópico poderá reconstituir, talvez, a articulação entre estratificação e dinâmica social, questão cujo esvaziamento produziu um ônus muito pesado para a identidade da sociologia, tal como os seus praticantes a construíram nas suas fases clássica e pós-clássica (até 1970), focalizada principalmente na investigação dos mecanismos de integração e de transformação global das sociedades.² Quanto ao segundo tópico, referente aos impactos da globalização sobre a disciplina, a reflexão sobre ele é crucial para a adaptação da sociologia aos processos históricos contemporâneos, que tendem a colocar em xeque a “autonomia” da sociedade nacional, o que obriga ao seu redimensionamento como unidade analítica (Smelser, 1997: 96-98).

Embora este balanço esquemático sobre o futuro da sociologia tenha sido marcado pela esperança de que os seus praticantes possam superar a crise que marca o seu desenvolvimento recente, não se deve alimentar a ilusão de que na melhor das hipóteses chegaremos a construir uma ciência sem controvérsias

2 A classificação das fases da sociologia em “clássica” (até 1935), “pós-clássica” (até 1970) e “recente” é de Thomas Fararo (1989).

teórico-metodológicas e substantivas. A sociedade contemporânea, tal como a que impulsionou o surgimento da sociologia no século XIX, é uma sociedade dividida e que produz, por isso, sistematicamente, formas distintas de se compreender a si mesma. Superar a crise não significa evitar a controvérsia, e sim superar a fragmentação que pode pôr a perder a sua identidade, ao invés de renová-la.

Referências bibliográficas

- Alexander, Jeffrey (1998), *Neofuncionalism and After*, Cambridge-Ma, Blackwell Publishers.
- Alexander, Jeffrey, Bernhard Giesen, Richard Münch, Neil Smelser (orgs.) (1987), *The Micro-Macro Link*, Berkeley-CA, University of California Press.
- Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, trad. do francês de Fernando Tomaz, Lisboa, Difel.
- Camic, Charles, e Neil Gross (1998), "Contemporary developments in sociological theory: prospects and conditions of possibility", *Annual Review of Sociology*, 24, pp. 425-476.
- Collins, Randall (1981), "On the micro foundations of macro sociology", *American Sociological Review*, 86, pp. 984-1.014.
- Collins, Randall (1987), "Interaction ritual chains, power and property: the micro-macro connection as an empirically based theoretical problem", em Jeffrey Alexander, Bernhard Giesen, Münch Richard, Neil Smelser (orgs.), *op. cit.*
- Fararo, Thomas (1989), "The spirit of unification in sociological theory", *Sociological Theory*, 7 (2), pp. 175-190.
- Giddens, Anthony (1984), *The Constitution of Society*, Berkeley-Ca, University of California Press.
- Giddens, Anthony, e Jonathan Turner (orgs.) (1987), *Social Theory Today*, Stanford-Ca, Stanford University Press.
- Giesen, Bernhard (1987), "Beyond reductionism: four models relating micro and macro levels", em Jeffrey Alexander, Bernhard Giesen, Münch Richard, Neil Smelser (orgs.), *op. cit.*
- Gouldner, Alvin (1970), *The Coming Crisis of Western Sociology*, Nova Iorque, Basic Books.
- Habermas, Jürgen (1984), *The Theory of Communicative Action*, vol 1, trad. do alemão de T. McCarthy, Boston-Ma, Beacon Press.
- Levine, Donald (1991), "Simmel and Parsons reconsidered", *American Journal of Sociology*, 96, pp. 1.097-1.116.
- Runciman, Walter G. (1989), *Treatise on Social Theory*, vol. 2, Cambridge-UK, Cambridge University Press.
- Smelser, Neil, e Richard Münch (1987), "Relating the micro and macro", em Jeffrey Alexander, Bernhard Giesen, Münch Richard, Neil Smelser (orgs.), *op. cit.*
- Smelser, Neil (1997), *Problematics of Sociology (The Georg Simmel Lectures, 1995)*, Berkeley-USA, University of California Press.
- Smelser, Neil (1999), "Looking back at 25 years of sociology and the Annual Review of Sociology", *Annual Review of Sociology*, 25, pp. 1-18.

Turner, Jonathan (1987), "Analytical theorizing", em Anthony Giddens e Jonathan Turner (orgs.), *op. cit.*

Turner, Jonathan (1991), *The Structure of Sociological Theory*, Belmont-Ca, Wadsworth.

Brasílio Sallum Jr. Professor do Departamento de Sociologia da USP e pesquisador do NADD-USP. *E-mail*: brasallu@usp.br

Resumo/abstract/résumé/resumen

O futuro das ciências sociais: a sociologia em questão

O artigo discute em linhas gerais as transformações ocorridas na sociologia nos últimos decênios, marcados tanto pela perda de importância do funcionalismo e do marxismo na disciplina quanto pela expansão da micro-sociologia e a multiplicação das áreas de especialização sociológica. Embora esse estado de coisas tenha produzido entre os sociólogos uma percepção muito forte de *fragmentação, perda de identidade e crise da sociologia*, o artigo chama a atenção para o aparecimento de sinais de que a disciplina pode estar a caminho de uma recomposição. Termina sublinhando a relevância de uma das linhas em que se busca compô-la, a que trata de *distinguir* com precisão e *articular* teorias que incidem sobre diversos níveis da ordem social, do micro ao macro-sociológico.

Palavras-chave Sociologia, teoria sociológica, história da sociologia, crise da sociologia.

The future of the social sciences: the questioning of sociology

The article discusses in general terms the changes in sociology over recent decades, in which time it has declined in importance in the discipline of functionalism and marxism, whilst micro-sociology has grown and specialist sociological fields have multiplied. Although this state of affairs has generated amongst sociologists a strong feeling of *fragmentation, loss of identity and a crisis in sociology*, the article points to new signs that the discipline may be on the way to recomposing itself. The article ends by stressing the importance of one of the lines along which sociology is reforming, that which seeks to *distinguish* precisely between and *articulate* theories dealing with different levels in the social order, from micro- to macro-sociology.

Key words Sociology, sociological theory, history of sociology, crisis in sociology.

L'avenir des sciences sociales: la sociologie en question

Cet article aborde les grandes lignes des transformations qui se sont opérées dans la sociologie au cours des dernières décennies, marquées tant par la perte d'importance du fonctionnalisme et du marxisme que par l'expansion de la microsociologie et la multiplication des domaines de spécialisation sociologique. Bien que cet état de fait ait produit chez les sociologues une perception très forte d'*éclatement, de perte d'identité et de crise de la sociologie*, l'article attire l'attention sur l'apparition de signes selon lesquels cette discipline pourrait être sur la voie d'une recomposition. Il termine en soulignant l'importance d'une des lignes par lesquelles on cherche à la recomposer, celle qui vise à *distinguer* avec précision et à *articuler* des théories qui portent sur différents niveaux de l'ordre social, du micro au macro-sociologique.

Mots-clés Sociologie, théorie sociologique, histoire de la sociologie, crise de la sociologie.

El futuro de las ciencias sociales: la sociología en cuestión

El artículo discute en líneas generales las transformaciones ocurridas en la sociología en los últimos decenios, marcados tanto por la pérdida de importancia en la disciplina del funcionalismo y del marxismo como por la expansión del micro-sociología y la multiplicación de las áreas de especialización sociológica. A pesar de que este estado de cosas haya producido entre los sociólogos una percepción muy fuerte de fragmentación, pérdida de identidad y crisis de la sociología, el artículo llama la atención sobre la aparición de señales de que la disciplina puede estar camino de una recomposición. Acaba destacando la relevancia de una de las líneas en que se busca recomponerla, la que trata de distinguir con precisión y articular teorías que inciden sobre diversos niveles del orden social, del micro al macro-sociológico.

Palabras-clave Sociología, teoría sociológica, historia de la sociología, crisis de la sociología.